

O pouco dinheiro da pensão serve agora para alimentar várias bocas

# Crise e desemprego levam filhos de regresso à casa dos pais idosos

Estamos a iniciar o último trimestre de 2013, numa crise que se iniciou em 2008, e as expectativas dos açorianos estão a cair a pique. Não falamos de esperança com base em estatísticas mas ao nível do senso comum e das emoções. Fala-se com muita gente e muita gente demonstra que está apreensiva, ansiosa e com medo do amanhã. Há falta de esperança em dias melhores. Para os jovens que saem das universidades os empregos são raros e não são raros os que mandam antes de arranjar pelo menos um estágio dezenas de currículos e como se isso não bastasse os pais destes jovens - e são muitos - estão em dificuldades. Não falamos apenas de pessoas que tinham baixos rendimentos mas também da chamada classe média. Muitos perderam o emprego mas ainda recebem subsídio de emprego, outros não recebem o salário completo porque as empresas não têm capacidade porque o Estado leva quase tudo em impostos e os que devem não pagam e outros há que já não têm como viver, porque até as suas poupanças já gastaram. Resultado: Ou vivem em condições miseráveis ou emigram ou sem dinheiro para sair das ilhas regressam à casa dos pais. Um regresso que não é voluntário, dizem os especialistas que tratam destas matérias. Não é voluntário porque as pessoas fizeram a sua vida, como nos conta Ângela. “Arranjamos emprego, casamos, compramos casa e tivemos filhos. Tínhamos a vida organizada. De um momento para o outro, o meu marido ficou sem emprego, as taxas de juro subiram, e voltamos



A psicóloga Rita Brandão desenvolve o trabalho em conjunto com Cristina Moura e Rita Castanho

à origem: Morar com os pais, só que levamos dois filhos. A casa é pequena. Tudo se amanha, mas não é fácil depois de termos as nossas coisas nos seus lugares e agora está tudo em caixotes. Os nossos hábitos também se alteram. Nós podemos estar como queremos. Baixamos o volume da televisão porque os nossos pais vão dormir cedo, ando sempre a dizer aos meus filhos para falarem baixo. Enfim, tudo muda. É um choque. E este regresso está também a trazer dificuldades aos mais velhos, porque na sua

maioria são reformados/pensionistas que têm pouco dinheiro e que agora têm mais bocas para alimentar. Os mais velhos gostam da companhia dos filhos só que se o dinheiro já era pouco para as suas necessidades básicas - alimentação e medicamentos - agora a situação piora, embora haja excepções. Quem de nós não conheça uma família com este retrato? Sim, cada um de nós tem ideia de uma ou mais famílias aflitas, só que não basta conhecer é preciso fazer algo. Por isso, há equipas no terreno atentas a estas situações. É o caso de Rita Brandão, psicóloga, que explica ao Correio dos Açores que todos os idosos têm tido apoio. As equipas vão às instituições mas também vão ao domicílio. Falamos de centenas de idosos que são apoiados, e os casos individuais são apoiados quando há situações de risco, maus-tratos, entre outros. Os idosos hoje, diz Rita Brandão, estão cada vez mais sós, mas também é preciso ter em conta que para além da solidão há mais uma agravante. “Deparamo-nos actualmente com outro problema. Os idosos estão a ser os sustento de famílias - os filhos - que perderam os seus empregos. Estes filhos, que tinham saído da casa dos pais, que tinham as suas vidas, voltam e os idosos, com as suas pensões, que como sabemos, não são grandes, passam a ser o sustento da

família”. Esta situação, diz a psicóloga, traz outras situações de risco social, reconhecendo que “as equipas estão atentas a todas estas situações e sempre que são detectados são encaminhados para os apoios que existem e tentamos sempre sensibilizar para as respostas sociais que existem”.

Recentemente, neste contexto, o sociólogo e investigador do Centro de Estudos Sociais Elísio Estanque, referiu que, em certos casos, isso poderá “estimular a união e a solidariedade” mas noutros, levará a um aumento da violência doméstica.

“As implicações psicológicas podem traduzir-se em aumento da violência doméstica, das doenças em geral e das depressões e problemas do foro psiquiátrico em particular. Aumentará seguramente também o suicídio e a criminalidade”, disse.

Ainda assim, o apoio das famílias a quem está em dificuldades económicas é, para o sociólogo, essencial para “amortecer” a situação de desespero, referiu o especialista.

“O agravamento da austeridade no nosso país só não atingiu ainda situações mais dramáticas, com mais casos de desespero ou de violência porque as redes familiares se têm assumido como a força amortecedora no que respeita à situação desprotegida e de pobreza repentina em que muitos casais jovens (e menos jovens) estão a ser colocados”, defendeu o também professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, na mesma entrevista. **Nélia Câmara**

## CRISE E DESEMPREGO LEVAM FILHOS PARA CASA DOS PAIS

# O pouco dinheiro da pensão dos idosos serve para alimentar agora várias bocas



Idosos de vários lugares de São Miguel estiveram no Relvão e disputaram vários jogos tradicionais

Estamos a iniciar o último trimestre de 2013, numa crise que se iniciou em 2008, e as expectativas dos açorianos estão a cair a pique. Não falamos de esperança com base em estatísticas mas ao nível do senso comum e das emoções. Fala-se com muita gente e muita gente demonstra que está apreensiva, ansiosa e com medo do

amanhã. Há falta de esperança em dias melhores. Para os jovens que saem das universidades os empregos são raros e não são raros os que mandam antes de arranjar pelo menos um estágio dezenas de currículos e como se isso não bastasse os pais destes jovens - e são muitos - estão em dificuldades.